

## » América Latina... em busca de oceano

Madrid » 10 » 2016

### *Reflexões perante os próximos encontros internacionais no âmbito latino-americano*

Com um breve intervalo de pouco mais de duas semanas, realizar-se-ão em território americano dois encontros internacionais de grande relevância para a região: por um lado, a Cúpula Ibero-Americana de Chefes de Estado e de Governo, em Cartagena das Índias, nos próximos 28 e 29 de outubro e, por outro lado, a cúpula da Apec, Fórum de Cooperação Ásia-Pacífico, que se celebrará em Lima de 17 a 19 de novembro.

Curiosamente, cada um destes encontros internacionais tende a projetar seu "olhar" e influência sobre um mar comum, uma massa oceânica que serve de ponto de encontro para seus respectivos interesses, atlânticos no primeiro caso e pacíficos, no segundo.

### **OLHAR PARA ONDE?**

A entrada da América Latina, já não numa profunda mudança de ciclo mas numa manifesta mudança de época, permite-nos a reflexão sobre aonde o subcontinente pode dirigir-se em busca de maior apoio e colaboração. Por um lado, orientando seus passos em direção a seus parceiros naturais, tradicionais e históricos, como alguns os chamam, que têm de orla comum o oceano Atlântico, com a Espanha a liderar a relação. Por outro, concedendo o crédito aos novos parceiros, os da Bacia do Pacífico, protagonistas do crescimento em infraestruturas e energia dos últimos anos na região e "culpados" por seu retardamento ao esfriarem seus investimentos.

Talvez não seja acertado estabelecer esta dicotomia em termos práticos, pois os países latino-americanos continuam precisando, hoje mais do que nunca, de investimentos e apoios, independentemente

da zona geográfica de onde venham. Entretanto, no referente à geoestratégia, será bom saber de onde poderá vir a maior influência e sobre que bases se desenhará o futuro da região.

Se estamos prontos para "mudar de época" no âmbito latino-americano, que bom momento para estes encontros internacionais no mais alto nível, onde se porá de manifesto a realidade de cada orla, de Cartagena ou de Lima...

### **25 ANOS DE CÚPULAS IBERO-AMERICANAS**

Desde aqueles dias em Guadalajara, México, pelo ano de 1991, quando se realizou a primeira cúpula ibero-americana, fórum pioneiro na região, ninguém poderia ter assegurado que este periódico encontro de chefes de estado e de governo chegaria a alcançar sua vigésima quinta celebração. Como bem mencionou o secretário geral ibero-americano anterior, Enrique V. Iglesias, "quase um quarto de século de cúpulas anuais contínuas não deixa de ser uma conquista de destaque, quando no mesmo período o Sistema de Estados Interamericano, o mais antigo coletivo político das Américas, convocou em oito oportunidades seus chefes de estado".

Definitivamente, a América Latina de agora não é igual à daquela época. Ela teve de passar por uma "década perdida", por outra "década dourada" e por um início de década por batizar, para conformar uma realidade que já é mais autônoma em sua relação com a Europa. Agora, conta-se com organizações como Celac ou Unasul, que não aceitam presenças externas à região, e aparecem outros blocos econômicos de países com interesses muito variados, como o Mercosul, a Aliança do Pacífico ou inclusive a Alba, em declínio.

Neste contexto, o processo de renovação das cúpulas ibero-americanas, iniciado em Cádiz e culminando em Veracruz, transformou o funcionamento destes encontros, sobre a base do Informe Lagos. O resultado permitiu alterar a periodicidade na celebração das cúpulas, concentrar as prioridades e pensar que é a cooperação o "KPI" ou medida do êxito deste tipo de atividades. Às vezes, são os de fora que nos dão crédito e é o que se produz no âmbito da cooperação Sul-Sul, na qual as Nações Unidas reconhecem a liderança ibero-americana nesta matéria, que supõe o intercâmbio de recursos, tecnologia e conhecimento entre países em desenvolvimento, com mais de 7 500 projetos desde 2007.

Com esta bagagem, é difícil não coincidir com a atual secretária geral ibero-americana, Rebeca Grynspan, que definiu os presidentes que organizaram a primeira cúpula como "verdadeiramente à frente de seu tempo, havendo poucos exemplos de diálogo ininterrupto entre dezenas de países ao longo de um quarto de século".

O enfoque das cúpulas virou-se claramente para o futuro: empreendimento, jovens, educação e onde grande quantidade de programas, bolsas, acordos de colaboração, etc., organizados pela SEGIB se sucedem no tempo, isso sim, com pouco conhecimento do público em geral, mas com grande impacto na jovem população latino-a-



mericana. Um exemplo paradigmático é o recém-batizado “Campus Ibero-América”, um verdadeiro programa Erasmus da região, centrado na mobilidade acadêmica regional de que participam mais de 500 universidades e do qual se esperam mais de 200 000 mobilidades para 2020.

Como ocorre em outras ocasiões, é o Encontro Empresarial, paralelo à cúpula, que põe por terra as propostas políticas e as declarações grandiloquentes. Nesta edição, são numerosos os líderes empresariais que já se comprometeram a comparecer ao evento, sem dúvida conscientes de que o mercado ibero-americano, composto por 600 milhões de pessoas, 10% da população mundial e com uma força econômica que equivaleria, em seu conjunto, à terceira economia mundial, é um mercado que requer atenção e cuidadoso acompanhamento.

Apesar dos vaivéns que tradicionalmente abalam a região nos quesitos crescimento e desenvolvimento, os empresários ibero-americanos não querem agora deixar de debater os temas que os preocupam de verdade. Tal e como o presidente do BID, Luis Alberto Moreno, assinalava recentemente, as preocupações do empresariado são o fomento da inovação nas pequenas e grandes empresas, como aumentar o comércio e o investimento entre os países ibero-americanos, como educar os que vão assumir os empregos do futuro ou, em definitiva, como enfrentarmos a revolução tecnológica na qual estamos imersos.

Economia, desenvolvimento e investimento são os termos principais na nova relação ibero-americana. Estes elementos veem-se entrelaçados por uma argamassa de valores, princípios e história comum que acrescenta um elemento diferencial a uma simples relação mercantil, como é a criação desse “espaço ibero-americano”, formado por pessoas e o que estas criam: empresas, instituições, etc., tão real como a vida propriamente dita.

## OLHANDO PARA O PACÍFICO

Perante este contexto atlântico, que com tanta força se representa no formato das cúpulas ibero-americanas, não podemos esquecer que, já há alguns anos, outras forças expansivas têm exercido sua influência sobre a América Latina com desigual efeito.

As economias asiáticas, lideradas pela China, viram-se beneficiadas pela interconexão proporcionada pela Bacia do Pacífico, para ver na costa oeste americana, de Tijuana até a Terra do Fogo, uma ampla cabeça de praia que permita um cómodo desembarque no conjunto da região.

E a China não perdeu sua oportunidade. Desde a entrada do gigante asiático na Organização Mundial do Comércio (OMC) em 2001, as relações comerciais com a América Latina foram crescendo de maneira exponencial, convertendo-se num momento de explosão no comércio entre ambos os territórios. Em poucos anos, a China tornou-se o segundo parceiro comercial da região, superada apenas pelos Estados Unidos. A procura por matérias-primas foi uma das alavancas do crescimento, muito relevante para alguns países latino-americanos com importantes reservas de hidrocarbonetos, minerais e produtos agrícolas prontos para a exportação.

Tais foram a influência e a conexão entre ambos os territórios que, surpreendentemente, a maioria dos analistas coincide numa “sincronização do ciclo econômico do gigante asiático com a América Latina”, como bem assinalam os especialistas da Cepal. Desta maneira, o crescimento chinês ia emparelhado com a decolagem das economias latino-americanas e, conseqüentemente, o “esfriamento” chinês não podia provocar outra coisa a não ser o “resfriado” latino-americano. E isto é exatamente o que vem acontecendo desde o final de 2012, uma desaceleração da economia chinesa, agravada por uma queda dos

“O enfoque das cúpulas virou-se claramente para o futuro: empreendimento, jovens, educação”

preços dos produtos primários nos mercados internacionais. De acordo com as referências da OCDE, os dados de comércio durante 2015 marcam claramente esta tendência de queda das exportações em direção à China por parte da maioria dos países latino-americanos pela primeira vez em muitos anos.

Neste novo cenário, de marcada incerteza, é onde o Fórum de Cooperação Econômica Ásia-Pacífico, a cúpula da Apec se reúne em Lima nos próximos 17 a 19 de novembro de 2016. A Apec, como mecanismo de cooperação econômica, preocupa-se com o desenvolvimento do comércio, com os investimentos, com a cooperação técnica e com tudo o que possa gerar riqueza para seus 21 países membros, todos eles localizados na Bacia do Pacífico.

Sem dúvida nenhuma, os países latino-americanos participantes, Peru, Chile e México, junto com muitos outros que podem beneficiar-se indiretamente, estarão ávidos por receber toda a cooperação e apoio que possam ser proporcionados por agentes mundiais, com a China na cabeça, e outros não menos importantes, como Rússia, Japão, Coreia do Sul, Austrália, etc. desde o distante Pacífico e outros mais próximos e influentes, como Estados Unidos e Canadá.

Em seus 27 anos de história, será a quarta vez que a Apec se reúne em território latino-americano, e o Peru não quis desperdiçar a oportunidade para assinalar como tema central desta cúpula “o crescimento de qualidade e o desenvolvimento humano” que permita o crescimento econômico, mas também a erradicação da pobreza. É curioso que esta iniquidade que se pretende corrigir não só seja própria dos países latino-americanos, mas um fator comum da maioria dos países desta ampla bacia do Pacífico.

Esta convocatória da Apec, portanto, não pode ser mais interessante, tanto pelo contexto como pela escolha do lugar e pelas altas expectativas que se estão gerando em torno dela.

## PACÍFICO OU ATLÂNTICO? TALVEZ NÃO SEJA NECESSÁRIO ESCOLHER...

Esta dupla convocatória internacional, que coincide no tempo mas que apresenta interesses e áreas de influência tão díspares, poderia chegar a apresentar para alguns países latino-americanos a disjuntiva de ter de escolher entre olhar para o Atlântico, tradicional bacia de relação, ou voltar os olhos para o Pacífico, de onde sopram os novos tempos.

Nada mais longe da realidade. Se a América Latina demonstrou em algum momento sua verdadeira força, esta provém de seu dinamismo e capacidade de adaptação às novas circunstâncias, sem preconceitos históricos nem referências obsoletas, respeitando valores e interesses comuns, mas também abrindo-se a novas oportunidades, de onde quer que venham.

Tendo superado a “América para os americanos” da Doutrina Monroe, agora seria de péssimo gosto falar de uma América para os atlânticos ou uma América para os pacíficos, quando esta América Latina está sendo capaz de olhar para ambos os lados, com a habilidade e coragem de “pescar em ambos os oceanos”.

A jovem população latino-americana e as empresas e instituições que esta cria continuam sendo um foco de atração de investimentos e novos projetos. As árvores da conjuntura atual não vão impedir ver o bosque de uma região onde é possível fazer negócios, aqui e agora. As centenas de empresas, líderes empresariais e políticos que vão participar dos encontros empresariais de Cartagena das Índias e Lima já sabem.



**Claudio Vallejo** é diretor sênior do Latam Desk em LLORENTE & CUENCA Espanha. É formado em direito e diplomado em estudos avançados em comunicação (DEA) pela Universidade Complutense de Madri, especializado em relações internacionais e marketing internacional pela Universidade de Kent em Canterbury/Cantuária, Reino Unido. Anteriormente, trabalhou como consultor sênior da firma multinacional de comunicação estratégica e assuntos oficiais, KREAB. Como diretor de comunicação atuou em várias empresas relevantes em cada um de seus setores como CODERE, ENCE, SOLUZIONA e é responsável internacional de comunicação da elétrica UNION FENOSA. Antes desta experiência empresarial, Claudio foi agregado comercial no Escritório Comercial da Embaixada da Espanha em Quito, Equador.

[cvallejo@llorenteycuenca.com](mailto:cvallejo@llorenteycuenca.com)

---

## **d+i** desenvolvendo ideias

LLORENTE & CUENCA

**Desenvolvendo Ideias** é o Departamento de Liderança através do Conhecimento da LLORENTE & CUENCA.

Porque estamos testemunhando um novo modelo macroeconômico e social. E a comunicação não fica atrás. Avança.

**Desenvolvendo Ideias** é uma combinação global de relacionamento e troca de conhecimentos que identifica, se concentra e transmite os novos paradigmas da comunicação a partir de uma posição independente.

Porque a realidade não é preta ou branca existe  
**Desenvolvendo Ideias** na LLORENTE & CUENCA

[www.desarrollando-ideas.com](http://www.desarrollando-ideas.com)  
[www.revista-uno.com.br](http://www.revista-uno.com.br)

